

MUNDARÉU
UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Temporada 2 - Programa 6

“Fala comigo, que eu falo contigo”

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

ABERTURA

Música de abertura: “Mudernage”, de Ellen Oléria

“Tá pelo mundo essa mudernage
Esse balanço roto pra fazer você suar
Tá pelo mundo essa mudernage
Esse balanço roto, roto (2x)”

Dani: Oi pessoal, esse é o Mundaréu, podcast de Antropologia. Eu sou Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora da Unicamp.

Soraya: E eu sou a Soraya Fleischer, antropóloga e professora da UnB. Hoje vamos conhecer Flávia Medeiros e Penha Xavier. A Flávia é professora de Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina e conheceu Penha, sua interlocutora de pesquisa, no Rio de Janeiro, participando da ReNFA, a Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas.

Dani: Na quinta-feira, dia 03 de maio de 2021 uma operação policial na favela do Jacarezinho, na zona norte do Rio de Janeiro, deixou 29 mortos. Foi mais um capítulo da nossa história centenária de racismo, responsável pelo genocídio do povo pobre e negro. A maior chacina na história da cidade.

Soraya: Nesse episódio vamos falar sobre racismo, maternidade e desencarceramento. Como se cruzaram as histórias de Penha e Flávia? Como tem sido a vida durante esses tempos de pandemia? E como a Flávia e a Penha têm reinventado a pesquisa etnográfica à distância? Esse episódio foi gravado entre março e abril de 2021, de nossas casas. A Dani estava em Campinas, a Penha no Rio de Janeiro e a Flávia e eu em Florianópolis.

BLOCO 1: Racismo, abolicionismo penal e desencarceramento

Trecho da música: “Diga não”, de Bia Ferreira

“Diga não (4x)
Diga não ao racismo

Diga não ao preconceito
Diga não ao genocídio do meu povo preto
Diga não a polícia racista
Diga não a essa militarização fascista
Diga não”

Soraya: Eu queria começar pedindo para Flávia contar para gente uma experiência que ela nos contou de uma roda, né. Uma dinâmica que ela propôs... Eu queria que ela nos contasse como foi essa dinâmica.

Flávia: Foi no começo de outubro, acho que no dia cinco de outubro, num sábado de sol no Rio de Janeiro, e a gente conseguiu o espaço do Circo Voador pra fazer essas oficinas. Éramos cerca de vinte mulheres, além de mim, né? Que tava nessa mediação, eu convidei uma colega que é professora lá na UFF, de Sociologia, uma outra colega que é indígena e também professora universitária. E o grupo né, de mulheres, que ou já faziam parte da construção da ReNFA ou que estavam se aproximando. Entre elas, a Penha (risos).

Penha: Salve Salve.

Daniela: Essa é a Penha. E a RENFA, como falamos antes, é a Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas.

Flávia: E aí nessa oficina a gente fez um, um espaço de acolhimento. Então eu me inspirei na verdade numa dinâmica que tem, chamada "corrida dos privilégios", que é tipo um jogo que faz uma corrida das pessoas estarem todas numa linha assim, né? E aí, conforme vão saindo enunciados e certas ideias elas vão avançando ou não nessa corrida. E aí eu achei que essa corrida não era muito a ver com o que a gente queria, que a gente não tava competindo entre si, ao contrário, a gente tava ali pra começar, né, fortalecer e continuar uma construção conjunta. Então eu adaptei essa dinâmica pra uma roda, né? Uma roda, um círculo, então a gente se, se reuniu num grande círculo assim debaixo lá da tenda do circo voador, e demos as mãos, né, todas, e abrimos uma grande roda assim. E aí a gente começou a partir daí, todas de mãos dadas, uma ao lado da outra, né? Nessa roda. E aí eu pedi então né que a gente soltasse as mãos e na medida que as pessoas se identificassem com o que eu falava elas davam um passo atrás ou um passo à frente. E aí eu, junto com outras colegas que a gente tava organizando, a gente levantou tipo, trinta enunciados diferentes. Desde questões econômicas né, familiares, como por exemplo se estudou em colégio particular ou não, se tinha viajado pro exterior ou não, se já tinha tido dificuldade de conseguir emprego por conta da aparência, se já tinha ouvido comentários ou pessoas pedindo né pra poder mudar o cabelo ou questões da cor da pele. Coisas também mais do âmbito assim social, então se essas pessoas já tinham passado por situação de perda de familiares, ou amigos conhecidos, por conta de violência ou de encarceramento, pessoas que já foram perseguidas ou não em estabelecimentos comerciais, se já sofreram abordagem policial ou não. Enfim, uma série de situações, né, muito cotidianas na vida de pessoas negras, que a gente listou e aí eu ia falando e a gente ia andando pra trás ou pra frente, né? E aí eram 30 frases, a gente não chegou nem na metade, porque foi realmente muito drástico, muito evidente as diferenças em relação às pessoas negras e as pessoas brancas nessa situação, né? Então éramos poucas mulheres negras ali, além de mim, né? E as companheiras brancas né, ou de classes mais altas, foram se aproximando umas das outras a certo ponto de que elas não conseguiam mais andar pra frente e a gente por outro lado já não conseguia mais andar pra trás. Eu mesma que fiquei de costas pro palco, né, do circo, teve um momento que eu não conseguia mais andar pra trás por que não tinha espaço pra eu passar, dar passo pra trás. Lembro

também muito de Penha, né? Porque, foi subindo a escadinha da arquibancada e quase que saindo de baixo da tenda.

Penha: Pra mim foi um aprendizado muito bom mesmo entendeu, e eu chorei emocionada devido quando a Flávia começou a perguntar “quem já estudou em escola paga?” Aí cada passo que eu não podia dar era uma lágrima que eu chorava, entendeu, muita coisa, né? E aí eu fiquei emocionada, aquilo ali me aliviou né?

Flávia: Aí no final dessa dinâmica, é, quando a gente se olhou, né? Enfim, muitas pessoas emocionadas, muitas colegas chorando, fortemente inclusive, foi bem assim... forte, né? Foi bem impactante, eu acho, pra todo mundo, de se ver naquelas, naquelas diferentes condições assim. E aí eu, a gente, parou de fazer essa parte da dinâmica do movimento e aí seguiu pra outra parte que era então a gente fazer justamente esse processo de se olhar e de se situar de onde a gente estava em relação umas às outras, né? E aí ficou muito, muito explícito, né? Essa diferença atravessada pelos marcadores raciais assim.

Penha: Mas sabendo que ali que eu tava com pessoas amigas, pessoas que tá sempre ajudando fazer a diferença, e consegue né, fazer a diferença, que a ReNFA, esse grupo a qual eu conheci Flávia, é um grupo que fez muita diferença na minha vida, na vida de outras pessoas. E esse evento pra mim, foi um evento assim, uma surpresa, muito boa que eu não sabia, que eu não conhecia né, o evento, mas foi uma coisa muito boa pra mim, ao diz respeito a minha pessoa, entendeu, porque eu fui uma pessoa que já sofri muito racismo. É, como eu, eu sou regressa né, então eu sei muito bem que que é o racismo dentro do sistema e fora do sistema penitenciário, né. Mas pra mim foi ótimo, foi um evento muito bom mesmo que cada palavra que ela falava eu, o passo que eu não podia dar era o passo que eu chorava né.

Flávia: A proposta foi então que a gente pensasse, né, desse lugar de quem andou pra frente e de quem ficou pra trás, como que a gente poderia estar juntas lado a lado de novo como a gente começou. É então aí que eu propus que a gente fizesse um movimento de que aquelas companheiras né, que estivessem mais próximas umas das outras tentassem dar a mão pras pessoas que elas estavam de mão dadas no começo da dinâmica. E aí a distância né era de alguns metros, muito longo, foi aí que a gente fez então esse processo de que as pessoas tinham que sair, né? Dessa posição "de privilégio", né? Se representando ali nesse deslocamento daquele espaço. E se aproximar das outras pessoas, né, que estavam distantes, que não conseguiram "avançar", né? E pensando que, pra gente construir essa discussão, uma perspectiva antirracista, é necessário especialmente que pessoas brancas e privilegiadas, elas saiam né? Se desloquem nessas suas posições e estejam próximas e ao lado das pessoas que são alvo desse tipo de violência né.

Soraya: Eu queria que a Flávia explicasse para as pessoas, assim, o que que é o movimento de abolicionismo penal?

Flávia: A gente nessa, nesse projeto né, da agenda feminista pelo desencarceramento e a própria atuação da RENFA, e de uma série de movimentos sociais que hoje no Brasil se organizam por meio, tanto das frentes estaduais pelo desencarceramento quanto pela agenda Nacional pelo desencarceramento, tem o abolicionismo como uma das linhas junto com a questão do antirracismo, que é a promoção da Liberdade das pessoas. Porque a gente entende que essa lógica do encarceramento, da prisão para resolver essa questão da "segurança", da “criminalidade” não é uma solução possível, não é uma solução razoável. Na verdade é uma forma atualizada no século 21, no nosso tempo, de manter o controle né, contra pessoas negras e pobres. Então a gente entende que é um mecanismo de controle na manutenção da estrutura do racismo. No caso do Brasil a gente vai ter cerca de 45% de pessoas hoje que estão presas sem terem sido julgadas e

condenadas, sem ter a sentença, são chamados os presos provisórios. Então são pessoas que não foram a um juiz, que não tiveram seu caso avaliado, que não tem direito de defesa, e que são mantidas na prisão por algum motivo que, quando a gente analisa na pesquisa que a gente fez os processos, especialmente os processos que define que essas pessoas vão ficar presas "preventivamente ou provisoriamente", está trazendo um monte de questões que são preconceitos de raça, preconceitos morais, questões de gênero, especialmente com mulheres que têm filhos como o caso da Penha, e que não tem nada a ver com o fato que poderia ser tratado como ilícito, que seria o tal do crime. E aí a gente vê que a maioria desses casos eles são relacionados à questão de drogas, e aí a própria criminalização das substâncias psicoativas é um dos principais motivos para manutenção do encarceramento seja de jovens negros, seja de mulheres negras.

Dani: Daí, então, a questão do antiproibicionismo, né? Porque as proibições de drogas estão muito relacionadas com isso que você está falando sobre o encarceramento da população negra.

Flávia: É, bem, a gente vai ter no Brasil, os dados estão muito desatualizados né por conta do atual governo e das dinâmicas mesmo de qualificação do que que é o sistema prisional Brasil, mas a gente tem o terceiro maior sistema do mundo em quantidade de presos. Os dois primeiros, Estados Unidos e China, eles estão no processo de redução da quantidade de presos, enquanto no Brasil a gente vê essa quantidade aumentando consideravelmente. E quando a gente olha só para as mulheres, 68% das mulheres que estão presas, estão presas por crimes relacionados à drogas, e são mulheres negras. Então isso já é um problema que tem a ver com a criminalização das drogas e como as drogas no Brasil são usadas para poder punir pessoas negras e pobres. E também uma grande quantidade de crimes que são crimes de pequeno potencial ofensivo, que são crimes de furto muitas vezes de pequenos roubos, que pessoas roubam leite, fralda, mercado né, então são esses tipos de crime que as pessoas são levadas para a prisão. E hoje a gente no Brasil tem a agenda Nacional pelo desencarceramento, tanto pela reivindicação dos direitos dos presos, pela, pela questão né da denúncia da tortura que é a prisão né, uma tortura continuada pela restrição de direitos básicos como água, como alimento, como direito ao sono né, espaços insalubres né. Então essa ideia de que a gente não quer que mais ninguém seja preso e que as pessoas tenham direito à liberdade. Sem contar alguns casos que são as pessoas que são sentenciadas, são condenadas e o prazo da sua condenação acaba e essas pessoas não são automaticamente, como alguém pode achar, postas em liberdade né. As pessoas ficam meses, às vezes anos esperando que alguém vá lá e tire elas da prisão por que acontece né, nesses casos de as pessoas serem simplesmente largadas, abandonadas no sistema prisional.

Trecho da música: "Diga não", de Bia Ferreira

**"Eu não aguento mais
Ver meus irmãos pretos estampados mortos nos jornais
Eu não aguento mais
Ver meus irmãos com cento e onze tiros dados por policiais
Diga não ao racismo
Diga não ao preconceito
Diga não ao genocídio do meu povo preto"**

Flávia: Claro que é importante sempre pontuar que as pessoas que hoje sobrevivem na situação de prisão elas sobrevivem principalmente por conta do auxílio das suas famílias. Então são as famílias que vão levar alimentos, são as famílias que vão levar material de higiene, são as famílias que vão, e os presos que não têm esse acesso eles compartilham também entre eles. Na situação das mulheres né, que foi esse projeto que a gente desenvolveu e que eu pude então acessar o sistema

prisional feminino no Rio de Janeiro, muitas das mulheres se veem nessa condição de abandono por que as famílias às vezes não tem condição de fazer esse acompanhamento, até porque tem que fazer o cuidado das crianças, então não pode fazer esse cuidado com as mulheres também na cadeia. Então elas têm uma rede de acolhimento entre elas muito forte de muito apoio e também as igrejas. As igrejas que ajudam muitas das vezes as mulheres a conseguirem acesso a direitos básicos como um sabonete, um absorvente, um alimento né. Então também é como o sistema prisional retém essas pessoas mas não dá condições mínimas de sobrevivência, de dignidade. E aí justamente né a comunidade e a sociedade, a família, a igreja, os movimentos sociais que vão tentando né diminuir, como a gente diz, reduzir os danos desse processo também de encarceramento.

Soraya: Penha, você nos contou na conversa prévia que foi presa numa situação como essa, que tinha a ver com a sua sobrevivência e o envolvimento com o tráfico. Você tinha nos contado que teve duas filhas enquanto esteve no sistema prisional... Você pode nos dizer como foi essa experiência para você?

Penha: A minha experiência no cárcere não foi muito boa né, mas eu tive Vitória presa e tive Viviane presa. E Viviane ficou comigo até os nove meses. E aí como eu não tinha sentença, era, era uma coisa que era difícil ter que escolher, né, que a Viviane não podia mais ficar comigo, ela teria que ir embora pra casa da minha mãe. E aí o que que acontece, eu te confesso que, eu te confesso foi uma coisa muito dolorosa, tá, de ter que deixar a Viviane né, aos nove meses, ela teve que ir embora. E aí eu fiquei no sistema penitenciário né, sem ela, e aí eu cozinhava pras crianças daquele, daquela creche onde que eu fiquei com ela, e aí o sofrimento era maior. E aí eu dizia pra diretora “a senhora pode me, me, me deixar ficar, entrar lá pra dentro da cadeia onde você possa arrumar um trabalho pra mim trabalhar, eu preciso de estudar”. E aí ela disse pra mim que não tinha condições porque eu não tinha sentença e que eu teria que retornar pro mesmo lugar da onde que eu quando fui ganhar a Viviane. E, e assim foi a minha vida, entendeu, a minha experiência no cárcere foi muito triste devido dessas perdas né, de ter que ficar sem a Viviane na hora que ela mais precisava. Ela tava mamando no peito, foi a filha que mais mamou no peito, entendeu, e aí deu um apego. Porque lá na creche não podia dar mamadeira, eles davam canjica, davam arroz doce pra ter leite no peito pra você não ter que dar outra coisa entendeu, dar mamadeira. E aí foi uma experiência pra mim muito forte na minha vida.

Dani: Imagino, Penha, como deve ter sido dura essa separação, e não poder conviver com suas filhas, nessa situação de privação de liberdade, sem sequer ter uma sentença. Muito difícil. Mas você nos contou que hoje estuda, e que também acolhe e ajuda outras pessoas. Pode nos contar um pouco sobre isso?

Penha: Eu faço de vez em quando um trabalho aqui, eu tinha uma moça grávida, um casal né, o rapaz, a moça e o gato, e a moça tá grávida. Eles já conseguiram ir, mas a gêmea continua aqui comigo, tá? É como se fosse minha neta mesmo, são duas, são Aila e Valentina. E vou te falar um negócio pra você, se eu disser pra mim, pra você que tá sendo fácil, não tá sendo fácil, as coisa tá cada dia que passa pior. Aí esses dias mesmo, pra você ver, é o que eu falo assim, em relação a Flávia, eu não tinha aqui as coisas direito pra comer, e aí quem me ajudou, quem me deu essa ajuda foi ela. Porque o emergencial agora ainda não saiu, entendeu, e o bolsa família hoje eu fui pra tirar, pra tirar foi um sacrifício pra tirar duzentos e, duzentos e sessenta reais. O pouco que eu tenho eu divido com outras pessoas, entendeu, eu divido com outras pessoas. Eu tenho uma irmã também que eu to sempre dividindo, dando uma compra, uma coisa e **outra, tô sempre ajudando.**

Trecho da música: “Diga não”. de Bia Ferreira

**"Não fique só assistindo
Muita gente chora irmão enquanto você tá rindo**

**Andando na rua de noite
Muita gente branca foge de mim
A minha ameaça não carrega bala
Mas incomoda o meu vizinho
O imaginário dessa gente dita brasileiro torto
Grito pela minha pele
Qual será meu fim?
Eu não compactuo com esse jogo sujo
Grito mais alto ainda
E denuncio esse mundo imundo
A minha voz transcende a minha envergadura
Com essa carne fraca
Eu sou do tipo carne dura
Diga não ao racismo
Diga não ao preconceito"**

MIOLO

Soraya: Quando eu fico ouvindo, Dani, a Flávia e a Penha, e conhecendo o trabalho da Flávia também, e das outras pessoas que como ela estudam o sistema prisional brasileiro, é, para mim fica muito claro a importância desses estudos para nós da antropologia, mas pra todo mundo em geral, né? O sistema penitenciário ele é um mundo muito fechado, um mundo que ninguém conhece bem como é lá dentro, nem o que acontece. Então as pessoas que conseguem entrar, sejam os familiares, sejam os operadores do direito, os defensores públicos, os advogados, enfim, todos os movimentos também, e também as antropólogas e outras pesquisadoras... É muito importante, é muito importante para trazer para quem tá do lado de fora, informações, né? Sobre os desafios que lá dentro estão sendo enfrentados, as perversidades né, e todas as... Enfim, a matança generalizada dessas pessoas né, no final das contas. Então o trabalho da Flávia junto com a Penha me deixa isso muito claro né. E vão gerando esses dados, essas essas informações todas para gente poder ir construindo uma opinião e construindo uma crítica a esse sistema né, do jeito que ele está organizado atualmente.

Dani: Sim, é super importante ter esse tipo de pesquisa sendo produzida né, e esse tipo de informação sendo disponibilizada. E acho que é muito importante que nós, especialmente como antropólogas brancas no nosso caso, estejamos comprometidas com políticas antirracistas. Porque no fundo, o que essas pesquisas mostram é como essas políticas de encarceramento estão completamente imbricadas com o racismo estrutural na nossa sociedade né.

Soraya: O que temos dentro das prisões é uma realidade ainda mais intensa né, desses efeitos do racismo. Então as pessoas, elas não têm acesso ao alimento, elas não têm acesso aos itens de higiene, elas não têm acesso a poder estudar, poder trabalhar, poder ter contato com as suas famílias. Então os direitos humanos, os direitos básicos são absolutamente inexistentes para essas pessoas. Então prender é também uma forma de extinguir, uma forma de tirar essas pessoas da vista, de isolá-las e de matá-las aos poucos, destruí-las, é um aniquilamento mesmo. Então é um tema muito importante e é toda uma população que é enquadrada, sentenciada, quando sentenciada né, a Penha lembrou bem. Mas é uma população que é retida, presa, e não por

coincidência essa população é majoritariamente negra e indígena, majoritariamente. Então de fato é um aniquilamento de uma fatia gigante da população negra e isso não pode ser esquecido.

Dani: O relato da Penha, na conversa prévia sobre o distanciamento que ela foi obrigada a ter da filha bebe, ele me tocou e me marcou muito pela violência mesmo né que as mães são submetidas, muitas vezes injustamente, a maior parte das vezes injustamente. Então eu fiquei muito tocada pela narrativa dela sobre a filha. E a gente até conversou sobre essa questão do acolhimento que hoje ela faz com as gêmeas e com outros netos dela que são de sangue também, mas com as crianças e o quanto isso tem uma conexão com essa experiência de privação da maternidade que ela teve anteriormente.

Soraya: E se não me engano, as duas filhas dela nasceram quando ela estava encarcerada. Ela passou por isso duas vezes. É muito duro, é muito duro e é muito interessante que hoje em dia ela seja essa mulher que acolhe tanta criança, adolescente né? De sangue, de adoção, do bairro...

Dani: Na conversa prévia eu falei pra ela assim: "ah, entendi, eu acho que hoje é uma forma de você viver essa experiência da qual você foi privada né? De cuidar de bebês, uma coisa tão gostosa de fazer". Ela falou: "ah Dani, aí você me entendeu". Ela com esse vozeirão (risos). Eu adoro os áudios dela, ela começa assim "oi, minha amiga Dani".

Trecho da música: "Vamos derrubar o governo", de Doralyce

"Preto é apagado na história
Mas traz na memória os dias de rei
Fulni-ô ainda em conflito
Hoje morrem a tiros
Grito pra ninguém
Conta pra pagar
Banco pra dever
Sistema carcerário quer prender você
Escola sem partido SUS vai suspender
Não vai se aposentar trabalha até morrer"

BLOCO 2: Relação de pesquisa na pandemia

Soraya: Penha, como foi encontrar a Flávia nesse percurso, o que você pode contar pra gente sobre esse encontro de vocês duas?

Penha: Ela é uma mulher inteligente, é uma mulher que passa muita, muita segurança pra gente, eu principalmente, que eu tinha acabado de sair do sistema penitenciário né, então eu estava precisando de apoio. Então esse tipo de apoio é um apoio de ensinamento, que às vezes a gente não precisa de apoio só material, mas o apoio moral é tudo. E ela tem me apoiado muito. E ali eu conheci a ela, conheci ela, foi uma coisa assim, uma coisa muito boa na minha vida, eu senti que, que era a pessoa certa pra me ajudar a fazer um curso, tá me indicando um curso, uma faculdade, entendeu?

Soraya: A Flávia escreveu um projeto recentemente e conseguiu um financiamento da Wenner Gren, que é uma financiadora especificamente para trabalho na antropologia, né. E eu queria saber da Flávia, assim, quando ela foi organizar esse projeto da Wenner porque ela escolheu a Penha para trabalhar com ela nesse projeto?

Flávia: O projeto né que a gente tá realizando aqui na UFF que ele chama "Regulações sociais e morais da pandemia do novo Coronavírus - Uma análise etnográfica e interseccional". A gente tentou fazer uma pesquisa que desse conta de estar nesse diálogo com pessoas que geralmente, né, são vistas como pessoas "vulnerabilizadas". Pessoas que seriam, a gente identificava, atingidas diretamente pela pandemia não apenas pelo processo da doença, mas justamente por dificuldades com questões mesmo materiais, questões de trabalho né, questões nesse sentido assim de empregabilidade, de recursos né, diversos. E eu já tava na verdade, em diálogo com a Penha né, desde que eu saí do Rio de Janeiro e vim para Florianópolis, a gente mantém de certa maneira algum tipo de contato. E na época de colocar o projeto, eu não tinha necessariamente pensado em ninguém especificamente, eu pensei em pessoas diversas né, que poderiam colaborar com a pesquisa né, que eu saberia que poderiam fazer essa troca e ter essa relação de confiança. Foi aí que eu conversei com a Penha e a Penha topou, daí ela falou "não, beleza, do que você precisar de mim você sabe que você pode contar comigo, eu vou te ajudar e vou te falar as coisas que você quiser, fica à vontade tudo que você quiser saber". Essa situação realmente, a trajetória dela né, de na própria casa dela né, ter ela com as filhas e com as crianças. Então ter várias situações de realmente, assim, um perfil né de família que tava ali se organizando para lidar com as adversidades impostas pela pandemia de várias maneiras, com várias questões né. Então eu tenho aprendido muito com ela nesse processo assim, né, de várias coisas que ela vai compartilhando comigo assim do dia a dia, que eu acho que para ela assim nem são coisas nada demais, às vezes assim que ela nem, que ela vai contando e que para mim assim né sempre, é, são grandes coisas assim. Porque eu realmente fico muito, muito impressionada assim né com a capacidade da Penha, junto com as filhas dela né, de cuidado, de organização da casa e tudo mais assim.

Soraya: Você pode dar um exemplo de alguma coisa que a Penha tenha te contado e que possa ser compartilhado aqui?

Flávia: Bem, tem várias coisas né. Acho que uma coisa especial que já perguntei algumas vezes para ela e às vezes eu pergunto de novo, foi a situação do auxílio emergencial né, de como é que foi para conseguir, de como foi, como foi não conseguir em alguma situação né. Até a parte mesmo do uso da tecnologia né, da questão de ter que pegar aplicativo, de ter que fazer o registro na caixa, toda dificuldade. Algumas vezes que eu sabia que ela tava indo no banco para poder resolver questão de documentação né, teve uma vez que eu tava na rua aí a gente tava meio que se falando assim. É, essa questão do trabalho dela, às vezes eu fico super preocupada que ela falar "ah, vou lá para lá pra Lapa, arrumei um dinheiro vou lá para lá para vender o isopor", e aí ela vai fazer o trabalho dela, o corre dela de vender cerveja e água porque sabe que vai ter alguma atividade, algum movimento na rua pra ela conseguir um dinheiro. Também a questão da generosidade de Penha, porque vez ou outra Penha, além da família dela, ela acolhe pessoas que estão na rua, que tão em situação de uso de drogas, e que eu fico realmente muito interessada em saber como ela consegue lidar com tanta coisa assim. Eu fico impressionada, na verdade (risos).

Penha: É, é uma pesquisa né, como ela falou, é respondendo a respeito da pandemia, antes e depois né, agora pós, nós retornamos de novo a estaca zero, e tá falando pra ela o sacrifício que tá sendo não só meu, mas de outras pessoas. Eu até outro dia eu tinha esperança de conseguir tomar essa vacina, mas eu confesso pra você que eu tô sem esperança nenhuma, entendeu? Assim porque tá sendo muito difícil essa pandemia, se sem a pandemia já tava difícil, imagina agora, tá pior. E ela geralmente me pergunta as coisas, entendeu, e tudo que eu posso eu to respondendo a ela entendeu, passando pra ela a realidade, entendeu. Eu é, esse telefone que eu to falando com você eu já quis vender, tá? Eu já quis vender esse telefone pra comer mas como todo mundo fala "Penha, se você ficar sem um telefone vai ser pior ainda. Se com o celular já tá difícil imagina sem ele vai ficar mais difícil ainda". E aí me deteu de eu não vender. "Não Penha, de vez em quando a gente

quer dar uma cesta básica, quer ajudar no que a gente pode, como é que a gente vai fazer pra se comunicar com você?” Aí eu disse pois é, porque às vezes as pessoas olha, e diz assim “poxa, ela tá precisando das coisas e tá com celular bonito”. Não, eu to com celular bonito porque o espaço Crioula né, a Ong Crioula, me deu essa ferramenta como se fosse uma ferramenta de trabalho pra mim trabalhar no cadastro das mulheres negras e as mulheres que ao sair da penitenciária, e aí eu, eu tava cadastrando todos os pessoal, todas as pessoas. Fui em outras comunidades também e cadastrei outras pessoas também, e isso aqui é um caso pra mim, é uma ferramenta de trabalho né, pra tá divulgando. Eu faço muito pano de prato, entendeu, eu compro aqueles pano de prato e faço a beirinha de crochê entendeu, é isso que eu tenho vivido.

Dani: Quando a gente tava se preparando para a conversa, eu falei com você em vários momentos diferentes do dia e você com várias paisagens sonoras diferentes, no corre, né.

Penha: Eu tava na fila da Caixa Econômica, tava lá na fila pra ver se conseguia né tirar o Bolsa Família, porque o Bolsa Família teria ido pro Caixa Tem, e aí eu ainda não sei manejar o Caixa Tem direito. E aí tava uma dificuldade danada pra mim, e aí eu tive que ir lá entendeu. Naquela hora eu tava lá, e aí depois dentro da van também, andando eu falei com você.

Flávia: Então isso né, consegue também adequar a dinâmica e essa intensidade de variedade de coisas também que as pessoas se envolvem, né, especialmente a Penha que tá sempre fazendo um monte de coisa, ela consegue com o celular se fazer presente em outros espaços né. Isso também é uma coisa que eu acho muito interessante, assim, muito sei lá, criativa. Da possibilidade de tá fazendo outras coisas, se deslocando, não só também porque acho que a gente que está muito em casa, só pensa nessa coisa de estar no computador, na frente do computador, mas a galera também tá circulando na rua e o celular permite isso né, da pessoa poder participar das coisas estando em deslocamento né, não necessariamente estando na sua casa assim.

Soraya: Como é fazer pesquisa, Flávia, pelo WhatsApp? É uma pergunta um pouco metodológica né para pensar a antropologia nesse momento em que a gente faz pesquisa a distância. Em que a gente precisa tanto, né, dessas tecnologias da comunicação. Então queria saber um pouco das estratégias, dos desafios, do que que não dá, das frustrações... Mas o que que é possível fazer em termos de Antropologia nesse momento?

Flávia: É eu acho que é muito mais uma coisa assim, experimental né, de que a essa, talvez essa palavra que você usou "da frustração" ela se impõe, ela se faz muito presente. Porque a gente fica realmente muito limitado né com a questão da dinâmica ali do celular do, redes sociais, dos aplicativos de conversa, e isso realmente dificulta muito né a interação assim. Ao mesmo tempo né, que até como Penha tava falando, é o que dificulta por um lado mas facilita por outro né. Porque é o que permite que a gente se mantenha em contato apesar de estarmos em regiões do país, em Estados diferentes né. Se não fosse o WhatsApp, se não fosse essa ferramenta de comunicação, ainda mais nesse contexto da Pandemia, a gente não estaria conseguindo se comunicar, não sei como seria esse, essa possibilidade né, de interação. Então eu tenho pensado muito nisso na verdade como um experimento assim, um processo de aprendizagem mesmo, né. O que a gente faz né, a gente usa o WhatsApp para conversar e né, não só com Penha, também com outras pessoas, algumas vezes videochamada, mas a maioria das vezes é trocando áudio, áudio, figurinha e GIF, é assim que a gente se comunica (risos). E eu faço realmente com os meus alunos nesse projeto, a gente tem um diário de Campo coletivo, no qual os estudantes mesmo também colocaram, colocam né, as suas observações e suas interações, e eu faço de fato o meu diário de campo né. Então eu tiro da tecnologia, tiro do celular e utilizo a ferramenta mais tradicional que nós antropólogos utilizamos para contar para nós mesmos as conversas que temos com as pessoas né. Então é por aí

um pouco que eu tento aproveitar essa forma de comunicação que é muito intermitente assim né. Tem vezes que a gente fica algum tempo conversando, tem vez que é só um "oi tudo bem?", "tudo bem", "Bom final de semana", e para e a gente fica alguns dias sem se falar. E aí ou Penha me manda uma mensagem, ou eu mando uma mensagem para ela e a gente volta a falar de novo, não tem assim né uma rotina talvez de pesquisa né, um cotidiano mais amarrado. É algo realmente intermitente que também acho que tem muito a ver com o momento da pandemia, não só a questão da distância física né, mas a própria dinâmica que a pandemia impõe nas rotinas assim né, porque em muitos casos a gente está fazendo muita coisa pela internet, pelos, pelas redes sociais né.

Soraya: Flávia tem alguma figurinha assim que a Penha usa sempre?

Flávia: Ela manda mais GIF de bom dia, de carinho assim, aqueles animados, com glitter e cores e flores (risos). Ela manda mais umas mensagens assim, né mensagens também de desejos, né, de Deus, né? De coisa pra proteção. Coisas mais assim de afeto, né Penha? Que você manda sempre pra mim.

Soraya: E aí a minha última pergunta é para a Penha! Essa expressão da Penha que é... Como é que é? Eu anotei no dia que eu conversei com a Flávia.

Flávia: Fala comigo que eu falo contigo (risos).

Soraya: Isso, isso! Penha, o que quer dizer isso "fala comigo, que eu falo contigo!"?

Penha: Isso mesmo, é quando eu quero falar que eu preciso é, é, tá transbordando meu, meu nervosismo, o meu (risos), o tudo, então eu digo pra ela que quero conversar, e aí eu não falo que quero conversar urgente, aí eu digo pra ela "fala comigo que eu falo contigo" é que eu to precisando conversar com ela, entendeu. E aí eu uso essa expressão.

FECHAMENTO

Trecho da música: "Vamos derrubar o governo", de Doralyce

**"Eu não caminharei com medo
Não vão me ver no desespero
Nossa voz vai ecoar em cada beco
Nossa história é resistência salve o povo preto (2x)"**

Soraya: Dani, então esse é um episódio que tem muito a ver sobre pesquisar e fazer pesquisa quando as pessoas não estão face-a-face, quando as pessoas estão em cidades diferentes né?

Dani: É o "fala comigo, que eu falo contigo" né? Como a Flávia e a Penha falaram. Acho que a gente, isso acabou aparecendo na pesquisa de uma forma bem interessante. Acho que a forma como a Flávia tem feito pesquisa nesse último ano com a Penha. E acho que elas têm conseguido fazer muitas coisas interessantes juntas, a Flávia acompanhando esse processo todo da Penha durante a pandemia. Todas as dificuldades, problemas, soluções que ela encontra, e isso vai alimentando a pesquisa da Flávia. Mas, existe uma coisa central que permite essa conexão que é o celular, que é a forma como elas estão conseguindo se comunicar. E acho que o celular aparece de uma forma interessante nesse segundo bloco, tanto como algo que a Penha herdou de um outro esquema de pesquisa e ação de movimento social, como algo que a Flávia constantemente alimenta, pra poder fazer pesquisa ajudando Penha a ter crédito no celular mesmo, nós também fizemos isso agora aqui

com o Mundaréu. Ou seja, também não é que basta ter o celular, o celular também é um recurso importante para todo mundo. É importante pra Penha conseguir conectar com as pessoas que podem ajudá-la, mas essa conexão custa né, e custa caro. Então são vários níveis de infraestrutura de conexão que se colocam, né.

Soraya: É, e ainda sobre essa coisa do celular, eu acho muito legal que elas comentam que são vários os materiais que circulam nessas, nessas comunicações delas né? Então não é só o texto que uma escreve para outra ali na mensagem, mas também tem todos os áudios, e tem áudios assim muito singelos né, não necessariamente com longas digressões ou comentários né? Mas às vezes são áudios de “bom dia”, “como é que você tá?”, e também todo o acervo digamos imagético assim, figurinhas, gifs, stickers, essas coisas todas né que vão também alimentando a relação delas. E isso a Flávia aproveita muito para poder entender, pra poder interpretar, o que a Penha está dizendo, o que a Penha tá, enfim, colocando na roda ali né? E aí essa coisa da ajuda, eu acho que isso aparece bastante na relação das duas, e absolutamente mútuo né, então não só essa coisa da internet como você mencionou, mas de participar de eventos por exemplo, na reunião brasileira de antropologia, na RBA do ano passado. E a Penha tem contribuído muito assim para, tanto a pesquisa da Flávia quanto também para a construção do conhecimento antropológico de uma forma geral. E enfim, são essas ajudas todas que uma vai fazendo com a outra. Então circula ajuda com comida, ajuda com dados, ajuda com a pesquisa, ajuda com afetos, companhia né? Nesse momento da pandemia, entre elas e entre nós também. Isso é muito legal.

Dani: Sim, a Flávia mencionou, foi um simpósio que ela convidou a Penha para participar na RBA, acabou não cabendo no episódio contar essa história, mas que a Penha participou de dentro do ônibus, né, de máscara, mas ela esteve presente. Ela não podia parar naquele momento, ela tava trabalhando nas eleições, né, panfletando, e aí ela participou dessa forma, né, foi muito interessante. A Flávia falou que a Penha manda muita mensagem de proteção né, e o nosso episódio aqui atrasou por causa do adoecimento do meu filho, né, com covid, bem quando a gente tava começando a produzir e eu avisei, tanto a Flávia, quanto a Penha: “olha vai dar uma atrasada porque aconteceu isso, tal”, e a Penha me mandou uma mensagem muito afetuosa e muito de proteção, sabe? É, é isso né. Acho que a relação delas é muito bonita e acho que a Penha é uma pessoa muito especial também.

Soraya: Eu acho que esse comentário que você acabou de fazer só reforça essas utilidades, não exatamente evidentes né, de um celular assim, como tão mais pode passar assim, emoções, afetos e enfim forças e apoios é incrível, muito incrível.

Dani: Enfim eu acho que esse episódio fala da pesquisa a distância, mas ele também traz um tema muito importante, muito caro, para nós, né, que é a importância da gente pensar a grande parte que nos cabe numa luta anti-racista né. De entender que nós como intelectuais brancas, na universidade, institucionalizadas, temos uma função importante de dar legitimidade, visibilidade, para essas pesquisas. E o quanto que esse posicionamento anti-racista tá intrinsecamente ligado com agendas políticas como a do antiproibicionismo, a do desencarceramento e a luta contra o genocídio do povo negro no Brasil.

Música: “Mudernage”, de Ellen Oléria

Dani: Bom pessoal, este foi o 14º Episódio do Mundaréu. Agradecemos muito a Flávia, Penha e sua filha Vitória, que nos ajudou a gravar as falas da Penha. A Ana e o Arthur, da equipe do Mundaréu, que participaram da gravação conosco. E todos os estudantes da nossa equipe que fizeram a transcrição e a edição desse episódio junto com a gente: Ana, Arthur, Hugo, Janaína e Lucas.

Soraya: A gente agradece também aos nossos financiadores: no caso nós contamos com o financiamento do PIBIC, do SAE e da PROEC, na UNICAMP. PIBIC, CEAD e Departamento de Antropologia na Universidade de Brasília.

Daniela: Acessem o nosso site para conhecer mais sobre as pesquisas da Flávia, sobre a ReNFA, e sobre as músicas que a gente ouviu hoje: www.mundareu.labor.unicamp.br.

Soraya: E sobre as músicas, tão potentes, tão fortes para esse momento que estamos vivendo no Brasil, vale conhecer o trabalho dessa dupla, Bia Ferreira e Doralyce. Lá no site tem os detalhes sobre elas.

Dani: E quem puder ajudar financeiramente essa grande e importante rede que a Penha agiliza, nós vamos deixar nas descrições do episódio o número do PIX dela.

Soraya: Gente, então este foi o último episódio da nossa Segunda Temporada do Mundaréu. Em agosto, vem a segunda temporada da nossa série especial, “O Mundo na sala de aula”, que é uma série feita pelos estudantes e para os estudantes. E em 2022, voltamos com a terceira temporada do Mundaréu. E, podem apostar, teremos novidades!

Dani: Acompanhem nossas redes, estamos no Instagram, Twitter e Facebook. O Mundaréu é parte da rede Kerekere de podcasts em Antropologia. Conheçam nossos colegas através do site da rádio kerekere.

Soraya: Beijão pessoal, até lá!!

Dani: Até mais!

Música de encerramento: “Mudernage”, de Ellen Oléria

“Tá pelo mundo essa mudernage
Esse balanço roto pra fazer você suar
Tá pelo mundo essa mudernage
Esse balanço roto, roto (2x)”